

# TREVISAN, Dalton. *Rita Ritinha Ritona*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

*Sérgio Alves Peixoto*

Universidade Federal de Minas Gerais

O mais recente livro de contos de Dalton Trevisan não nega a verve do autor curitibano. Seus textos continuam sendo trabalhados com um misto de ironia e amargura. Ao todo, 17. Curitiba, a mesma: sempre povoada por seres mesquinhos e, nem por isso, menos dignos de pena. Sexo e mais sexo: até à pornografia. “O amor, essa coisa, sabe como é”, dizem os personagens de “Almoço em família” e “O estripador”, dois contos do livro. Não sabemos, não; estamos à procura dele como o Vampiro de Curitiba, à cata de si mesmo.

Dos dezessete contos, alguns se destacam.

Primeiro, e não necessariamente nessa ordem, “O gringo”, por não falar explicitamente da Curitiba comumente retratada. A narrativa se passa numa ilha. Os personagens são pescadores e antigos imigrantes. Rudolph e Greta, os principais. Ele,

como um bom anti-herói de Dalton, é “viciado em bebida, charuto e mulher gorda. Qualquer mulher”. Ela, a mesma Maria dos contos primeiros, em eterna disputa com seu João, a quem continua ligada pelo sofrimento e pelo medo de se ver sozinha na velhice. A mesma relação sado-masoquista de quase sempre.

A “Balada das mocinhas da rua do Passeio” e “Amintas 749”, também se destacam pelo formato. São escritos em, diríamos, versos não rimados.

Na “Balada”, alguma coisa da famosa “Balada do mangue”, de Vinícius de Moraes. Principalmente, as metáforas espantosamente criativas relacionadas às “mulheres de vida fácil”: “centopéias do horror”, “galinhas de duas cabeças”, “trepone-mas pálidos”, “íbis sagradas de carapinha negra”, “aracnídeas hotentotes”, “gárgulas banguelas gargalhantes”, “doces ninfetas

putativas do Passeio”. A última metáfora poderia estar entre as de Vinícius; as outras são monstruosas demais para o poeinha.

No outro, “Amintas 749”, fala-se de um endereço famoso de Curitiba, onde uma sauna gay se apresenta mais medonha que o Inferno de Dante. Nela, “a bacanal começa quando você chega” e “todas as perversões bizarras taras/todas são aceitas nenhuma restrição/desconto de 15% ao maníaco sexual/velhinho pedófilo uranista/sádico masoquista coprófilo/pai de família enrustido ou não”. É nessa sauna que – blasfêmia! – diria ironicamente um personagem de Dalton, se venera a “imagem luminosa giratória/de Nosso Jesusinho do Falo Erecto”. O ambiente é digno dos mais deprimentes do escritor. Um Dalton em tom maior.

Diferente, também, quis ser “O mestre e a aluna”, no qual “O Grande Inquisidor das monografias” transa com a orientanda até o paroxismo. Mas é um conto menor. A famigerada intertextualidade o estraga. Nele, uma aluna leva, ao orientador, sua monografia sobre *Dom Casmurro*, para avaliação e, é claro, acaba fundindo-se à Capitu traidora do romance de Machado. Sabe-se que Dalton é do grupo que defende a traição da mulher de Bentinho (se isso é perda de tempo, são outros quinhentos). Tematizar

isso num conto é, porém, torná-lo ingênuo demais, sem nenhuma criatividade, na verdade. Como é ingênuo ficar-se, como boa parte da crítica universitária hoje em dia, perdendo tempo, deslumbrada ante tais e tais intertextualidades, seja onde for. Se tudo hoje é intertextualidade, ela acaba não sendo nada. Vejamos como a Capitu devassa de Dalton nos fala sobre o assédio do professor:

O mestre me introduz no escritório. Instala-se atrás da grande escrivãzinha, inchada de papéis e livros. Indica uma cadeira à sua frente. Folheia o trabalho. Duas ou três perguntas. Apruma-se na poltrona e me concede um sorriso.

– Agora podemos conversar.

Estende o bracinho curto.

– Aqui mais perto.

Ai de mim, bem o que eu temia. O que, na minha vez, faria Capitu? Não se sacrificou ao marido e senhor para sua ascensão social? Deve o mesmo a esse asno pomposo e pançudo? Se não vou, já sei: nota insuficiente, reprovação, a carreira truncada.

Enquanto que, em *Dom Casmurro*, o tom é sério, no conto de Dalton a “pobrezinha” vai se transformar na devassa nada espantada com o que terá de fazer, mas com o prazer que está sentindo:

Ele se recosta na cadeira. Me deixa de pé entre seus joelhos. – Tire a blusinha.

Começo a desabotoar numa confusão de dedos. Presa ao grito dos seus olhos. Espantada. Mais de mim que dele. Euzinha, quem diria.

Entre todos os contos do livro, dois são excepcionais. Destacam-se pela concisão e pela beleza melancólica da narrativa. São eles “Adeus, vampiro” e “A ponte”.

No primeiro, Nelsinho, herói preferido de Dalton, acorda transformado “numa espécie encantada de vampiro”. A transformação, não é, porém, kafkiana. E a intertextualidade, aqui, é quase fruto do acaso. O vampiro se humaniza, fica romanticamente lírico, “tem coração de pintassilgo”. Continua a perseguir o prazer, sim, mas não amedronta; é predador e vítima, como nos diz o narrador:

Esse vampiro, quem diria, tem coração de pintassilgo. Ou corruíra, se assim prefere. Já não crava os caninos e as garras – mais chegado a sábios toques e blandícias erógenas. Para merecer o beijo puro na catedral do amor é capaz de voar, sim, voar nas asas brancas da luxúria. E, a fim de alcançar um gozo proibido, com todo o vampirismo

desce da nobreza e, de joelhos e mãozinha posta, faz o que o seu benzinho quer.(...)

O meu vampiro é um doce traficante de ilusões. Inofensivo? Nem tanto. Esconde o humor atrás do óculo azul e as trancinhas rastafári. Um vampiro tímido, já pensou? (...)

O meu vampiro não é viajero das sombras. Um mutante que ama, sim, o ar livre: capa preta (o forro vermelho de seda) ao vento, pedala fagueiro pelas ciclovias.

No segundo, “A ponte”, nem sombra de erotismo. Algo como a tristeza de “Uma vela para Dario”, conto antigo, de um de seus primeiros e mais belos livros, *Cemitério de elefantes*, quando ainda não se encontrava obcecado com sexo. A mãe perde a filha e pensa em se suicidar, atirando-se da ponte do título. Ironicamente, antes do último ato, escorrega, cai e morre. Crianças atiram-lhe pedras ao corpo meio afundado, por não saberem o que é. Uma sombra de sorriso triste tolda-lhe o rosto, já no caixão. E o narrador nos diz, finalizando a narrativa: “Mas tão triste, que antes não sorrisse”. Aí está um dos melhores livros da recente safra de Dalton. Pico certo na veia do leitor.